

LUDOVICO DE MENEZES

Ferronadas

PUBLICAÇÃO DE INQUERITO À VIDA PATUSCA

DO

ALGARVE



FARO

Typographia E. Seraphim

1901

ADVERTENCIA

Com o pseudonymo de *Justus, Diabo Azul* e *San Medo* escreveu o autor, nos jornais do Algarve, alguns artigos, recebidos favoravelmente pelo público.

Este benevolo acolhimento leva o boja a lançar em circulação, para tentar os azares da sorte, a presente publicação de inquerito á vida patuasca do Algarve, contendo perlas, biographias, notas humoristicas, etc.

Se este livrinho bem merecer da patria e da critica o autor espera, de tempos a tempos, propinar veneno aos seus leitores sob a fórma de folhetes, iguais ao que ora publica.

RAPIDOS

1

*Character diamantino, sem reflexos, sem do-
llez; espirito lucido e perceptivel; trato llano
e affavel; rosto desassombrado, risosinho como
alegres alvoradas, a sua vida é livro d'ouro
aberto a tudo quanto é grande, a tudo quanto
é nobre, a tudo quanto é bom! Douto no seu
mister, encontra na sciencia recursos poderosos
para rasgar mortallas em vez de matar in-
migos. Estremecido pelos seus amigos, con-
quista os indifferentes que d'elle se approximam.
Carinhoso chefe de familia, é como a altiva
aguia abrigando os seus debaixo das suas po-
derosas asas.*

«Ex auge leuamus».

Santos Fonseca.

FARO

I

Rompe ou não rompe...

Os carecas...

Perdão, não sou eu que o digo, são os de Olhão que jogam esta impertinente bisquinha à gente de Faro.

Como vêem, a piada não é minha, tenham a certeza.

Ja eu a dizer, que os *carecas* são de um azar sem igual, quando se trata de organizar um *fan-gá-pá* na cidade.

Reunem-se as vontades, congregam-se os elementos, abrem-se as subscrições e faz-se

apêlo ao concurso poderoso dos magnates da terra; aprovam-se os estatutos em assembleia de anciãos e de meninos; nomeiam-se as direcções, caíndo a escolha em individuos mais respeitaveis, serios, probos, conhecidos pela sua dedicação e profundo amor á nobre arte das colheitas e semifasas, não desfazendo nos pudicos sustenidos e bemois, ou no nobre cavalleiro caldeirão; baseam-se para cultores candidatos munidos da certidão de baptismo e de um atestado passado pelo regedor da freguezia, pelo qual comprovem o seu bom comportamento e morigeração de costumes — que são filhos exemplares, que se recolhem cedo, que não vão ás tabernas, nem armam rixas — devendo ainda o cidadão, que den estas provas da sua capacidade moral e do seu carinho para com a instituição nascente, sujeitar-se outrossim a uma prova de vocação, prestada perante um júri formidavel de entendidos, selecto e imparcial.

Sobre isto tallam-se fardas vistosas com vivos, que são mesmo, Deus me perdõe, a isca, aquella isca com que o Diabo tenta as mulheres bonitas. E, para que nada falte, mandam-se

vir belos instrumentos; brilhantes, novinhos em folha, tão novos, que o sol reluz sobre eles em reflexos faiscantes, como sobre os cimos dourados de minaretes.

Faz-se tudo isto, e quando todas julgavam a corporação em via de prosperidade, caminhando de vento em popa, com os melhores auspícios para uma velhice descansada, gosada em família, à noite, no seio dos instrumentos de bocal e de palheta; justamente quando os novos *pirulitos*, já batidos na coisa, adestrados, muito praticos, senhores do seu nariz e do seu ofício, empunhando fígles e trombones, entravam a soprar como demônios, desalmadamente, tumultuosamente, bochechas inchadas, peitos inflados, tomando grandes austos de ar, para ferir notas que pareciam, umas vezes, vagides de criança, outras, rugido atroador do leão no deserto, nas opacas do cio, quando chama pela fêmea... eis se não quando, vem uma golfada de suor, e n'um apice deita com tudo em terra...

Não ha desgraça maior, por certo que não!

Em primeiro lugar os mestres esguiciram-se, ninguém sabe porque. Debalde o gordo senhor

X. sua em correrias e canseiras improbas para sustentar a derrocada. Debalde o alto e magro senhor Y. se desfaz em abraços e beijinhos aos *meninos* para evitar a debandada. Debalde o baixo e atarracado senhor Z. se derrete em presentes e obsequios á *companha*!

Não obstante os mestres saem...

Sain, porém, o mestre? não importa. Venha outro... E vem outro e outro e outro... vem uma carregação de mestres, por todas as vias, pelo mar, por terra, ás barcasas, em comboio, ou em carrinhas de molas, e todos eles se sa-fam, apoz curta demora, subtis como enguias, ligeiros como raposas.

E a instituição fica acefala.

Alguem quiz ver n'este facto tramoia d'aqueles senhores de Olhão, ou grossa patifaria d'aquellas ruins vasilhas de Tavira. Engano! Não senhores, não é isso. A coisa é outra — é a *macaca*.

Ha instituições, que veem feridas de morte desde o seu berço. Trazem do ventre materno, que lhes deu o ser, o verme roedor que lhes vai comendo as entranhas e dando cabo da existencia. Tudo lhes sai mal, tudo lhes sai contrário, e por mais que façam, não conse-

guem resistir á desventura, nem logram fugir ao seu destino, escapando aos duros apalpos da sorte adversa.

Nasceram para aquilo, e não ha que fazer!

E', por isso, que os mestres, a um e um, se vão *raspando*, por mais vantagens que sejam as condições offerecidas, apesar de catados, lavados, festejados e acariciados, ainda mesmo qua se lhes cortem as unhas e calos dos pés aos domingos e dias santos.

E sem cabeça, sem regente, entregua á direcção de figuras secundarias, a filharmonica vai-se dissolvendo, . . dissolvendo . . . havendo fundadas esperanças, em que por este caminho e por este andar, chegue em curto ensejo a um estado de . . filharmonica homopatica, reduzida á última dinamização!

Só assim.

Porque é indispensavel que os farenses se convençam de uma coisa, que Faro não nasceu para chocar debaixo da sua aza uma *Incrível Almadenense*, nem para acalentar ao seio uma *Prussianas do Seixal*, muito embora tivesse possuido em tempos com orgulho os celebres *Gandulos* e os não menos afamados *Palitos*.

Oh! sim, Faro, nós bem sabemos que a querida terra guarda d'elles com saudade uma recordação preciosa. E' o seu grande himno de honra, o soberbo

Rompe ou não rompe...

que se toca em occasiões triunfaes, e ao calor do qual a cidade toda se aquece e se electriza, tomada de maior entusiasmo.

Quando um dos seus homens celebres sobe aos conselhos da coroa, ou recebe a insigne honra de ser despachado governador civil, é sabido que o successo se celebra pelo menos com uma *marcha à flam, b, a, u, x*, pondo-se na rua o velho instrumental, sacudido e varrido de pó, ao som de um vivo foguetorio, em que se consomem grossas de foguetes fabricados em Loulé. (N. B. Convem observar, que a cartilha, *vulgò cartilha*, fogo de mais efeito e de mais brinca, reserva-se para o lance faustoso da vinda de reis, ou da visita dos tres grandes bemaventurados Antonio, João e Pedro, no seu giro annual). Uma vez formado, o cortejo põe-se em movimento, saindo do teatro

Letes, com magotes de gaiatos á frente disputando, a sôco e pontapés, as canas dos foguetes, movendo-se n'uma vozeria infernal, engrossado a cada momento por cachos de gentio bravo, que, de instante a instante, solta o seu mais enérgico vivorio, levantando para o ar os chapéus:

Viva, o sr. F...!

Viva!

E a luz palida dos archotes, que ardem projectando para os espaços os seus clarões sombrios, os rostos afogueiam-se, os vultos tomam aspectos sinistros, e a festiva comitiva caminha como uma longa bicha, em corrupção pelas ruas principais, empolgada por uma atmosfera de poeira medonha, envolvida por uma fumaceira que sufoca e faz elcitos de cebola, estonteada pelo cheiro intenso, alacre, de breu e de resina, os homens enrouquecidos á fôrça de dar vivas, alagados em agua, sentindo as roupas humedecidas pegarem-se-lhes ao corpo, limpando as carecas empastadas de porcaria amassada com suor e gordura, alguns com os longos entalados no pescoço para salvar os collarinhos, mas todos excitados, delirantes, fre-

neticos, olhando para os altos, de onde as damas acenam prazenteiras, e redobrando de vivorio em frente do vulto do dia, que apparece á janela, cercado da familia e dos amigos, comovido, subjugado, grato por tamanha manifestação, ás vezes discursando, outras, um simples gesto, mudo como uma esfinge, mas nunca fallando em puxar da algibeira o seu lenço mais limpo para enxugar a lagrima obscura, que vai furtivamente deslizando ao canto do olho.

E, serena, imperturbavel, como se tivesse corda para determinado tempo, sem a nada atender e sem ninguem a poder fazer parar, a *mus'ca do Rompe*... vai soprando nos seus arcaicos instrumentos, velhas carcassas tiradas da poeira dos seculos, sordidos e esqualidos como utensilios servidos, sujos e desbotados como trastes comidos do sol, alguns amolgados, com profundas mossas aqui e ali, em signal de valentes apertões em seus arcaboços, outros com largas manchas de verdete, chagas vivas em fundo amarelo, tocando invariavelmente o seu eterno *Rompe ou não rompe*..., percorrendo as ruas em *farandola*, até chegar a

hora de recolher o instrumental, para cair depois extenuada, morta de cansaço e pigarro na guela, em alguma das tabernas da Ribeira, em demanda de dois dedos de *uorruga*!

E a cidade dorme então satisfeita, com a consciencia de quem ganhou bem o seu dia, e celebra com as devidas honras a gloria do seu heroe em evidencia, sonhando com um porvir venturoso, demonstrando d'esta forma quão vivo e entranhado é o seu amor ás instituições vigentes e á... *música*!

Ali está o ridiculo.

Em Faro todos se julgam musicos e entendem que devem dar leis sobre o assumpto. Têm-se todos por finos amadores, e é vel-o em occasões em que ha *cegarrega* na praça, congregados de roda do coreto, com ares soberbos, ademanos de mestros, graves, solennes, patriarcaes, inspirando-se e bebendo em goladas voluptuosas as notas que se avoam para o ar, em vibrações sonoras de cristal que se parte ou de casa que se racha, profundamente atentos, ansiosos, apurando o ouvido e meneando, de vez em quando, a cabeça, em signal de agrado ou desagrado, tal como esses

bibelots, em figuras de bonzos chinezes, vestidos de cumpridas cabaías, gravemente acorados, que se vêem nas *étagères* das salas, que ao menor abalo movem doidamente cabeças engonçadas em arame. . .

II

Amor de raiz

Faro tem um amor doido pela musica, e cede em extasi diante de uma banda regimental.

Arde no seu peito, convertido em pira, um fogo sagrado de amorosa loucura por esse amante de caserna, esquivo no trato e namoradinho, com ares de regateira a um tempo e pudores de vestal.

As suas proezas para a conquistar podiam ser contadas por um Terrail ou Montôpin, e postas em scena formariam peça do mais tocante effeito, capaz de rachar pedras, e ainda por cima, cavar fundas olheiras nas meninas sentimentais, ou arrancar dos olhos das velhas

numeros copioso pranto por desditas alheias. Em uma palavra, não faltaram a sedução, o rapto, a violência, portinholas de trem que se abrem, alçapões que se fecham, encapotados que surgem... um negro drama de peripecias e crimes com premeditação, que julgados por um tribunal em audiência de júri dariam margem a penas, variando entre a simples multa, remível a tosta por dia, até ao degredo perpétuo ou penitenciária.

Vejam:

Sedução.

Faro começou por botar namôro, passando duas vezes pela rua, fazendo forte bulha com bengala e tacões, tossindo e escarrando grosso — *Humfam! Humfam!* — a ver se avisada pelo signal a amada acudia á janela, e deitando-lhe ternos olhares!

Como este meio não sortisse o efeito desejado viu-se que Faro emagrecia a olhos vistos, que se lhe esmaciam as côres, que não comia, que não bebia — horror! em dois dias tinha perdido a alegria e cinco kilos! — e ha quem

liga, que todas as noites, no profundo silêncio da escuridão, abrindo a vidraça e olhando para o largo mar, que rugia ao longe, e cheio de sequioso das victimas engolfadas em desilusão de amor, fitava a estrela mais brilhante do céu e mandava á ingrata amante... um rebuço e um suspiro!

Declaração.

Depois chegou a vez da declaração, e confesso n'uma entrevista, Faro escreveu o seguinte bilhete postal, cujo estilo e ortografia garantimos:

Amor!!!!

Fasso esta pro Fim de participar que Já munto te dedico Cimpatia!! como era impugna de gozar u cê afeto!! pur qeus desdema acca a qui na situação mais triste que dá!!!! de Comprender que te poço Jurar mê Amor lã espero reposta Devorãmas vivamos i gi não qe responder vermi á na cova! mê cadâcle aus baus da Cepultura!!! A Deus A Deus! Mon

*por ti! A' noite na Alameda sim? Venha de
branco ou mantilha. Hum bôjo Deste que ti
Adora e Instima.*

Faro.

Os termos d'este laconico bilhete, que em
qualquer outro peito teriam feito acender la-
baredas de paixão, não conseguiram amolecer
maiormente o coração empedernido da orgu-
lhosa tarimbeira, e Faro recorreu então ao

Subórno.

Ofertas de dinheiro e de joias, ricas pulseiras,
colares deslumbrantes, pedrarias scintilando
como lumes nos seus escrínios tentadores, a par
com festas, bailes, caricias, recepções, serenata-
tas pela ria em gondolas com balões á vene-
ziana... eu sei lá, não era uma pobre banda
regimental senhora de atravessar as ruas da ci-
dade e varrer em redemoinhos o pó das suas
estradas, que não fosse aclamada e festejada, le-
vada em triunfo aos hombros dos seus cidadãos.

Nada d'isto valeu, porém, ao infeliz trova-

der, que noite e dia tangendo o bandolim se
pirava por esta virgem de quartel cheirando
chulé, e n'uma difícil escolha, tendo de optar
entre o suicidio e a violencia, n'um acto
verdadeiro desespero, n'um momento de e
minosa loucura, Faro decidia-se, oh! cear
oh! crime nefando!

Decidiu-se por um

Rapto.

Anda cá tu, ó Tavira!

E tu tambem, ó Lagos!

Apurem bem os ouvidos. Ouçam o que lhe
digo. Não percam uma palavra.

Escutem:

Faro quiz roubar-lhes a banda regimental!

Mas, ah! não se assustem, que o caso não
passou de simples tentativa, porque os pais
das meninas advertidos a tempo saíram deno-
dadamente á rua, e opuzeram a mais tenaz
resistencia, oferecendo os peitos cabeludos ás
cacetadas dos sicarios assalariados.

E o cocheiro teve que bater em retirada. Alguem ouvia, porém, no silencio da noite, as duas consternadas mães, apertando nos seios ternos as filhas estremecidas, exclamarem em voz angustiosa :

TAVIRA:— *Ladrões! Assassinos! Roubarem-me assim a filha das minhas entranhas!*
Maldados!

LAÇOS:— *Deixarem-me sem o orrião da minha velhice, sem o bordão da minha vida!*
Canalhas!

Desenlace.

Foi então que Faro caiu em si, e teve pudor da sua dignidade ludibriada e tão rudemente calcada aos pés. E como a violencia do seu temperamento não lhe permitisse curtir em silencio a injúria recobida, Faro, o vingativo cavalheiro, refugiou-se na politica, pedindo a esta outra amante consolações tendentes a acalmar-lhe a dor e combater os nervos, regando-lhe que criasse de proposito

para si, e lhe desse, para os seus carinhos para o salvar do ingente desespero, em vez de um ponco de antipirina, um regimento em banda, já que as outras terras não cediam a sua, alegando o requerente que das capitais do districto era a unica que o não tinha.

Razão plausivel.

Bem depressa veio, porém, o desengano, conhecendo-se que, por via de regra, a politica de Faro não passa da *Pontinha*, e que os seus politicos são graciosos *babys*, sem força ainda para se impôr aos ministros, os quaes em casos de maior monta os fazem calar, como a mim, nos que são, metendo-lhes uma chuchadeira na boca.

E aqui está, como repudiado e humilhado por todos, convencido de que nunca obteria os favores da esquiva amante por quem, ha tanto tempo, suspira, Faro, o infiel, cometeu a traição, e dormiu uma bela noite nos braços de uma mundana.

(A mundana aqui vem a ser a *filarmónica á paisana*, cujo singular destino fica narrado no artigo anterior).

Mas em vão a massa falida dos *Gandulos* e

Palitos se esforça em fazer milagres, lançando do alto do coreto as suas notas mais cristalinas, em melodia do anjo! Em vão os noveis *Pirótilos* ostentam em público as suas fardas mais vistosas, agarrados às requintas e saxofones, tangendo bombos e timbales! Nada conseguem pôr termo aos ais e suspiros da cidade que geme por uma musica militar, nada conseguem aplacar a paixão indomita que abraça Faro, como incendio imenso!

E ainda hoje, ao dormir a sua rêta, Faro espera que lhe caia do céu uma banda regimental *como um fôgo maduro!*

ARCADES AMBO

I

Crucifige eum

Mandámos hontem a Feliciano comprar meio kilo de assucar, e o cartucho em que nos trouxe a adocicante substancia, enlêvo nosso e das moscas, era feito de um velho jornal, a cuja leitura nos entregámos por um d'esses acasos, providencia de muito escritor, que pèna ahí da meia noite em diante á mingua de assumpto.

O jornal é o *Districto de Faro*, n.º 1067, de quinta feira 1 de Outubro de 1896, e traz para a edificação das gentes o seguinte puxo de

eloquência, pasmo das criadas de servir e dos meninos menores de quinze annos;

PERFIS

XXXVI

INSTANTANEO

Vou tentar esboçar o perfil de um cavalheiro da sociedade farnase muito benquisto e estimado de todos que com elle convivem.

De instrucção solida e variada, tem levado a sua vida a transmittir-a aos seus semelhantes. Ultimamente, deixando-se d'isso, devia ser para descansar e cuidar da sua saude, mas, infelizmente, d'ella pouco trata e não toma remedios, apesar de se ter de casa!

Bastante nutrido, de barba feita, parece muito mais novo, e devia ter sido um bello rapaz nos seus tempos; sem embargo, conservou-se solteiro. Possui uma coracção bondosa e a sua bolea está sempre aberta a todos os infortunios.

Tem exercido varios cargos politicos.

Actualmente não frequenta a sociedade; não obstante, reúne todas as noites, no seu escriptorio todo o que ha de mais selecto na nossa sociedade, e alli se trata de politica e se cacaqueia até ás dez horas.

Adivinharam já, não é verdade?

A pessoa que estas linhas traçou é um dos admiradores das suas excellentes qualidades e deve-lhe muitas finças, ás quaes lhe será eternamente grato.

Faro, 96.

Incógnito.

Apre!

Depois da leitura de um trecho d'esta natureza benze-se a gente com ambas as mãos, e para não ferrar dois coices, porque não póde, perqua não é acto proprio de criatura humana, procura alivio aos seus males, de fórma mais conveniente á desobstrução das suas entranhas, deixando rugir a borrasca, que á distancia, denuncia pelo cheiro fermentação timpanica.

Em transe tão afflictivo não invocamos Santa Barbara, não; nem tão pouco a trôco de uma vela, com orações e jejuns, supplicamos a cle-

mença divina, mas abrindo as portas e as janelas, deixamos que circulem pela casa largas correntes de um bom ar puro, oxigenado, saudavel e fresco, que varra as miasmas e destrua a emanação sulfúrica. *Amen.*

Saude e benção a ti, ó portento da literatura portugueza!

Avê!

Começamos por não saber quem é o cavalheiro, que com tanta gallardia honra as colunas do jornal algarvio, occultando-se modestamente sob o misterioso pseudonimo de *Incoquito*. Empregámos os maiores esforços para o conhecer, e gastámos o melhor do nosso tempo em satisfazer esta curiosidade, que se apossara do nosso espirito como desejo insofrido, causticando-nos em mordeduras de ferro em brasa. Botámos inculeis, deitámos pregão, procedemos a investigações, estafando algum dinheiro em annuncios em que se prometiam grossas alviaras, e por último, como não obtivessemos a informação por outra via metemos altos empenhos a Antonio Bernardo, redactor do *Diário de Faro*, para nos desvendar o mis-

terio, sim, para nos dizer quem era. Tentámos o que humanamente era possível para obter d'ele uma confissão sincera: fizemos-lhe carícias, acenamos-lhe com lenço branco, saracoteamos-nos diante d'ele em requebros de espanhola e meneios de cativar corações os mais esquivos, demos-lhe um beijo, e até — oh! pudor! para que negal-o? — lhe jurámos cortar os calos nos dias em que mais doessem a s. ex.ª

Mas s. ex.ª a nada se moveu.

Ameaçamol-o então com uma pistola em punho, à luia de salteador, segurando-o por um botão do casaco.

E então, só então, ele se descosou um pouco, levando o dedo indicador aos lábios, e ciciando-nos docemente, como em languida harmonia de anjo:

— Sigilo profissional!

E entrou a passear pelo aposento em largas passadas, mãos atrás das costas, com grande desespêro nosso, purascendo nos que divisiavamos no seu rosto uma expressão enigmatica e sorriso motejador de Mefistofeles que anda a mangar com a tropa.

Paciencia, e não seja o silencio do radactor

do *Districto de Faro* motivo para deixarmos de fazer algumas investigações sobre o curioso enxerto literario que transcrevemos, e dizer da nossa justiça o que ao nos oferece sobre o assumpto.

O individuo que o escreveu não tem dignidade propria, e faz da dignidade alheia um conceito, que não é de molde a agradecer-lhe mandando o nosso cartão de visita. Este sujeito é simplesmente um piolho em literatura. (*Pediculus Litterarius L.*).

E' a ele que se applicam com a maior propriedade as sábias palavras de um lente da nossa Universidade, que todos os anos, ao abrir o curso, dizia aos seus ouvintes:

— *Meus senhores, n'este mundo, quem não póda ser doutor, seja sapateiro.*

Ele, o nosso querido *pediculus* não o entendeu, porém, assim, e em vez de ser um sapateiro, um carpinteiro, um pedreiro, honesto artista, forte no seu legítimo orgulho de trabalhador, sentiu um dia estranhas comichões no bestunto, e botou-se a escritor, dando á luz em parto laborioso um interessante menino,

que se vê mesmo que foi tirado a ferros, louvado seja Deus!

Na composição de um perfil ha difficuldades, que só uma aptidão especial ou educação conveniente do espirito pôde superar. Para dos variados predicados que caracterisam uma pessoa tomar apenas os essenciaes, e delinear com elles em nitidos traços o seu perfil, que é uma imagem, precisa-se tacto e muito principalmente uma tal propriedade de frase, que sendo esta concisa represente com fidelidade, por esses poucos e rapidos traços, a expressão exacta d'essa imagem. No escrito que vamos sujeitar á análise, rigorosamente dissecado, não ha nada d'isto. E' banal e chato que nem uma porta, e duro que nem uma . . . rocha. Não tem estilo, e tambem não tem gramatica. Tem sómente esta qualidade por que se recomenda — que sendo uma guerra declarada ás letras, tanto se lê de cima para baixo, como de baixo para cima, da direita para a esquerda, como da esquerda para a direita, confuso como esses caracteres arabes ou chinezes, para quem os não entende.

Nas suas linhas geraes revela este documento, no cerebro de quem o engendrou, a ausencia completa de ideias sobre a noção de escrever, sendo a sua contextura tão avessa, que desafia as mais robustas intelligencias para o decifrar. E' só comparavel ás cartas amorosas da nossa Feliciano. E' uma charada, e tambem uma cilada. Involve misterios que se não entrevêem, abismos que enlunhecem. E' um servedoiro onde a linguagem se contorce, dá saltos e se espuma, d'invólta com o limo e alguma seba, que pôde ser aproveitada para estrumcira.

Lá está o periodo seguinte a causar-nos vertigens :

Da instrucção salida e variada, (virgula) tem levado a sua vida a transmittir-a aos seus semelhantes.

Ora, bolas!

Isto de *transmittir a vida aos seus semelhantes* chama-se biologicamente procriar, amigo *Iacognito*, sendo este um acto perfeitamente fisiologico, natural, comum aos cães, gatos, sapos, rates... a toda a bicharia que pulula

por ahí damninha, ficando bem assente, que o cão dá vida ao cão, o gato ao gato, e cada qual ao seu semelhante, na opinião dos partidários da escola de fixidez da espécie, e também dos que o não são.

(Além de Linné consulte-se a este respeito Quatrefagea, Agassiz, Cuvier, Florens e outros sabios de polpa).

Se o procriar é um facto vulgar na natureza, instinctiva e profundamente espontaneo em toda a serie animal e vegetal, logico porque representa a propagação da especie, ou a continuação da vida no tempo, julgamos que não havia necessidade de vir instruir-nos sobre este phenomeno importante da vida em letra de imprensa, fóra dos compendios de história natural.

Porque, de duas uma:

Ou o perfilado é casado e exerce essa faculdade honestamente, de portas a dentro, sem escandalo, nos recessos misteriosos da alcova conjugal, e n'este caso nada temos que dizer d'ele;

Ou é libertino, um atrevido, a quem dá para andar de noite perturbando o socêgo das familias, e a moderar os ardores de seu temperamento... catando pulgas — e só n'este caso

chamos que poderá constituir característico para definir um quidam A ou B — então é manifestamente uma indecência, chega mesmo a ser desaforo, anunciar aos quatro ventos, que pilano de tal peca por orgasmo genital e comete desatinos de toda a casta. Recomenda-lo por este atributo, como qualidado que mais se distingue n'ele, apontal-o como semental, é uma pouca vergonha, e seguido seria o mais funesto e pernicioso exemplo de immoralidade, atentatorio dos bons costumes, que nos faria descer do estado brilhante que conquistámos por um longo trabalho de civilização ao estado ignobil de bestas, porque ninguém requisita um sujeito para garanhão, como se requisita um cavalo para padriação.

Mas, não, oh! positivamente não. Nós não acreditamos em tamanha abjeção e de boa mente julgamos que não fosse esse o teu intuito, ó adorado e sempre incomparavel *Incognito*. Não, tu não pecavas assim contra a castidade e atentavas contra o pudor! Como admitir que tu, tão bom e virtuoso, por força que deves ser virtuoso, — e quem ha ahí hoje que não seja virtuoso! — renunciando para sempre ao amor,

convertido nas sociedades civilisadas em laço sagrado da familia, e pondo no homem como fôto supremo o bem unico da geraçào, a *transmissão da vida aos seus semelhantes*, preconizava a cópula bestial, essa promiscuidade horrivel e nojenta, em que os machos e as fêmeas animais se dão entre si, e que na sua feição humana, repugnante, toma, segundo o sabio inglez Lubbock, o nome de *hetairismo*, quiçã practicado nos primeiros tempos da humanidade na caverna do troglodita?! Oh! não. Nós não acreditamos n'isto e fazemos-te a justiça. O que tu querias dizer era simplesmente, que o varão preclaro, que merecera as honras do teu perfil, era homem temente a Deus, justo, valioso e prestavel, de solidas virtudes cívicas, prolifico, mesmo muito prolifico, e por ser tão prolifico fizera á patria, como alto serviço, a mercê de uma prole numerosa, presenteando-a com muitos rapaziños, outros tantos cidadãos uteis á republica.

E, de facto, as estatisticas accusam n'estes ultimos tempos um excesso de população no Algarve, que não reconhecendo outra causa, entendemos em nossa consciencia, que a uni

cidadão tão eminente se prestem as devidas honras, e se mostre o nosso agradecimento, erigindo-lhe uma estatua, fundida em belo bronze, com muitos meninos á roda.

Se tivéramos a dita suprema de o conhecer, andariamos por ali a tirar as feições a todos os fedelhos que vaguciavam pelas ruas, a ver se se pareciam com o pai.

E, como de direito, despachavamos-lhe á certa a pensão que requereasse.

Ultimamente deixando-se d'isso devia ser para descansar e cuidar da sua saude,...

Está bem. Está mesmo muito bem. Nada temos que dizer de semelhante conselho. Ficamos agora sabendo, que não ha occupação melhor na vida, do que cada um tratar da sua saude e cuidar da sua roupa, reparem bem. Nós vamos descansar tambem e cuidar das nossas piogas, mas depois de dirigir a seguinte invocação, que nos é arrancada pela sublimidade do texto e elevação do seu pensamento:

—O' manes de Rosalino Candido de Sampaio e Brito, de Manuel Mendes Enxundia e outros quejandos, que já lá estais no reino

dos ceus, gosando a bemaventurança eterna, e vós tambem, ó teimosos e afamados burros da Cucilhas, abanai-lhe as orelhas, que ele não pôde com o enxame de moscas poisado no dorso!

—O' Cesar da linguagem, *morituri te salutant!*

Mas scio, os senhores não me dirão, se o conselho é para *deixando-se d'isso cuidar da sua saúde*, de que diabo se trata aqui, de um perfil, ou de conselhos caseiros de uma mãe ao criancão, não ainda no uso da sua maior idade, nem se quer emancipado, que recolhe tarde e a más horas para casa?

Ultimamente, deixando-se d'isso devia ser para descansar.

Pudera!

Um ratão na faina constante de criar meninas, gastando n'este serviço o melhor do seu cabedal, deve snar em bica e sentir-se naturalmente fatigado, carecendo, de vez em quando, de um descunscosito. Não ha forças humanas que resistam a tão prolongada e ardua tarefa, mas para fraquezas tais não ignora o

amigo *Incognito* o que os médicos costumam aconselhar, vinho nutritivo, solidos extractos de carne e outros preparados em que não entrem cantaridas. Dê-lhe isto e verá como o muganão recupera logo alento.

A apostar?

...mas, infelizmente, d'esta pouco cuida, e não toma remedios, apesar de os ter de casa!

Bem diziamos nós, que se trata de um menino rabujento que não toma remedios. Occorre-nos, porém, naturalmente perguntar, o que terá o perfilante com que o perfilado tome ou deixe de tomar remedios, e de mais a mais os tenha ou não de graça?

Grave problema!

Bastante nutrido, de barba feita, parece muito mais novo, e devia ter sido um bello rapaz nos seus tempos.

Mau!

Isto agora é namôro descarado o revela vícios ocultos. Elle deseja-o nutridinho, gordinho, bem lavado e barbeadinho. E depois assaltam-no sandazes de tempos antigos, reminiscencias

dos seus, gosando a bemaventurança eterna, e vós também, ó teimosos e afamados burros de Cacilhas, abanai-lhe as orelhas, que ele não pôde com o cuxame de moscas poisado no dorso!

—O' Cesar da linguagem, *morituri te salutant!*

Mas serio, os senhores não me dizem, se o conselho é para deixando-se d'isso cuidar da sua saúde, de que diabo se trata aqui, de um perfil, ou de conselhos caseiros de uma mãe ao criança, não ainda no uso da sua maior idade, nem se quer emancipado, que recolhe tarde e a más horas para casa?

Ultimamente, deixando-se d'isso devia ser para descansar.

Pudera!

Um ratão na faina constante de criar meninos, gastando n'este serviço o melhor do seu cabedal, deve suar em bica e sentir-se naturalmente fatigado, carecendo, de vez em quando, de um descansosito. Não ha forças humanas que resistam a tão prolongada e ardua tarefa, mas para fraquezas tais não ignora o

amigo *Incognito* o que os médicos costumam aconselhar, vinho nutritivo, solidos extractos de carne e outros preparados em que não entrem cantaridas. Dê-lhe isto e verá como o maganão recupera logo alentos.

A apostar?

...mas, infelizmente, d'esta pouco cuida, e não toma remedios, apesar de os ter de casa!

Bem diziamos nós, que se trata de um menino rabujento que não toma remedios. Ocorre-nos, porém, naturalmente perguntar, o que terá o perfilante com que o perfilado tome ou deixe de tomar remedios, e de mais a mais os tenha ou não de graça?

Grave problema!

Bastante nutrido, de barba feita, parece muito mais novo, e devia ter sido um bello rapaz nos seus tempos.

Mau!

Isto agora é namôro descarado e revela vícios ocultos. Ele deseja-o nutridinho, gordinho, bem lavado e barbeadinho. E depois assaltam-no saudades de tempos antigos, reminiscencias

do seu belo tempo de rapas, quando elle era bonito e usava pó de arroz.

Uma declaração d'estas feita a uma menina devia ser seguida logo de — *o teu amor é uma cabana*. Agora, feita a um homem, não sabemos decentemente o que se lhe diga.

Valham-lhe Sodoma e Gomorrha.

Tem exercido varios cargos . . . e alli se trata da politica e se cavaqueia até ás dez horas.

Com que então o belo cavaquinho até ás dez horas, nada menos que até ás dez horas? E entre as dez e as onze não vai nada?

Ai, o paudego!

Adivinharam já, não é verdade?

Então não adivinhámos! . . . estamos mesmo a vel-o d'aquí. . . Sabemos perfeitamente quem é, e se á noite o encontrarmos no José das iscas ou na Marina damos-lhe um abraço, esteja certo e não ponha mais na carta.

A pessoa que traçou estas linhas (trecho proprio para uso especial das sopeiras) deve-lhe fmezas, ás quaes elle será eternamente grato.

Este *de quaes lhe será eternamente grato* é a girandola final com que termina a festa.

Amarrem-no curto, por amor de Deus, e dêem-lhe uma gramatica!

Tu és supinamente impagavel, ó amigo e inolvidavel *Incognito*. Andariamos toda a nossa vida a procurar-te, se dessemos noticia da tua passagem por esse mundo de Cristo. Tu és o tabernaculo, a arca santa da literatura portugueza. És o verbo divino, a branca pomba que adejando traz na boca o cibo. Quem te deu tamanho bico, maçarico? *Cró-có-có-có...* Perante a tua prosa prostamos-nos de joelhos e, batendo fortemente no peito, como em tampa de bombo, gritamos-te contritos:

Misericordia!

Salvè, ó *Rei da Madureza*, ó *Salsinha!* O *Frieza* te valha e seja o teu fanal na curta senda d'esta trabalhada vida. Se um dia tornares a botar escrita previne-nos a tempo, pelo correio dize-nos alguma coisa.

E, sobretudo, perdoa ás *Ferroadas* este *chicorção*, ó querido da nossa alma!

Miserere nobis!

II

Pater, demitte illi

Quem escreve estas linhas não tem autoridade para crítico, e mal pôde arcar com as próprias responsabilidades no tocante a escritor, tolerado por alguma benevolencia do público, da qual aliaz muito precisa n'esta sua vida de homem de letras para a absolvição dos seus pecados.

Mas, as *Ferroadas* constituem uma publicação de riso, feita de um pedaço de cristal, tinindo em vibrações de alegria, contendo em si o chocalhar continuo da gargalhada patusca, que se algumas vezes fere e morde, tambem traz á superficie os ridiculos e dá-lhes um puxão de orelhas.

Em toda a parte onde encontram motivo

para isso, empunhando o lampião de Diogenes, vão á busca do assumpto, e dentro da sua missão, muito naturalmente, sem esforços, sem violencias, içam o monstro para cima, atam-lhe um cordel e penduram-no no mais alto ramo para servir de espantalho aos pardais, aos baloiços do vento, com algum gaudío talvez dos que passam, e porventura sentem impulsos de lhe atirar aquella certa pedrada com que o pigmeu David derribou o gigante Golias.

Coisas d'esta vida.

O papá *Districto*, a quem alias pedimos primeiro a sua benção — *Sua benção, papá!* — inseria no seu número de 21 de fevereiro, firmado por um tal *Zure*, que pelo nome não perca, um *Instantaneo*, cuja leitura nos deixou cheios de mais profundo espanto e tambem de mais alguma coisa, que não dizemos por vergonha nessa, posto que a acção do soberbo *Instantaneo*, não confessada ainda nas farmacopeas, muito concorresse para isso pelos seus poderosos efeitos diureticos.

O glorioso mancebo que o honra assignando de — (anagrama de *Zure*) é uma das fundadas e carinhosas esperanças d'este risonho Algarve d'aquem mar, onde o sol torra o figo de comadre e faz nascer entre outras coisas boas, além da alfarroba, alhos e cebolas. Vêde-me este moço, belo e esbelto, gentil da sua pessoa, botão em flor da literatura algarvia, que para se armar de cavaleiro em letras dirige os seus primeiros ensaios, qual ave implume, abalauçando-se a vãos de arrojado cometimento por esses espaços infinitos do azul, sem se lembrar de que, quem assim se abalança, corre o perigo de uma queda desastrosa, com o risco de ir bater, exactamente como a ave implume, ao bucho d'algun gato, que esteja ali na esquina á espreita.

Joven e esperançoso mancebo:

O instantâneo ou perfil, como lhe queira chamar, que o nome nada faz ao caso, é uma composição, segundo tivemos o trabalho de o dizer ao seu não menos esperançoso colega *Incognito*, que requer aptidão especial e educação conveniente do espirito. Não é para todos, porque nem todos sabem apanhar os

motivos de golpe, para representar os objectos por traços ligeiros, mas tão significativos, que deem immediatamente a impressão nitida e distincta da imagem que se pretende figurar. Basta para isso ás vezes um nada, um simples sorriso ou o mais ligeiro desvio d'uma linha, lançado com mão habil e exercitada, como nas caricaturas de Bordalo.

O perfil é uma síntese, e o seu *Instantaneo* um pobre aleijão, fugido das torturas da orthopedia para a fogueira da critica.

Quer ver?

Vamos transcrever alguns periodos já agora para edificação de nós os dois, que somos os grandes pecadores d'este vale de lençóis.

E' vel-o sempre folgasão, sempre o sorriso a brincar-lhe nos labios!

Bom. Já sabemos que o perfilado está sempre a rir.

E' maluco por força, e então Rilhafoles com ele.

aparece aos olhos fascinados da heroína, debruçada sobre o lindo peitoril da janela n'uma fermosa noite de luar.

Se não é isto, então é uma declaração d'amor por meio da imprensa, e bem nos parece que debaixo do pseudonimo de Zarc se acoberta uma dama.

Se realmente Zarc é uma mulher disfarçada, que anda perdida de paixão por um homem, cujos encantos a seduzem e a trazem desvaireada, então temos a dizer-lhe o seguinte:

— Menina ou senhora, o que v. ex.^a está praticando é uma indecência e muito contra as praxes de uma boa educação, que não permite o namôro por via tão notória.

Tenha vergonha.

Agora se Zarc não é mulher e é antes um homem, um rapaz, então... então... veja que tais vícios não ficam bem a ninguém, nem mesmo a *Vossoria*.

Mas, como não ha bella sem se não, lastima-se o lastimam-no.

Com que então belo e bonito, tão pcego o Apolo o perfilado *lastima-se*? E' porque ninguem o quer? Como comprehender n'este caso o segredo do *lastimam-no*, sem cuidar que o desgraçado caiu na maior abjeção?!!

Parce, porém, que o perfilante tem dúvidas a este respeito, quando nos diz:

E, todavia, quem sabe se para tal haverá base?...

Para que virá aqui o sublinhado da palavra *base*, seguida de reticencias?

Horível e impenetravel misterio!

Sabe o amigo Zarc porque vimos dar-lhe estes dois dedos de cavaco? Não é porque lhe tenhamos zanga de casta alguma, não senhor: mas porque um dia ao despertar, fomos tocados por este sol traiçoeiro do sul, tão quente, tão acariciador, que faz dos meridionais homens de imaginação exaltada, segundo diz Daudet, o admirável Daudet, no seu imortal *Tartarin*, e de todos os que se aquecem nos seus raios n'este cantinho do Algarve, uns verdadeiros papagaios... *si vera est fama*.